



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 2

jan-jul.2025

p. 171-180

“Eu amei e não fui amada, hoje eu sei o meu valor”: [des]valorização de afetos

(“I loved and was not loved, today i know my worth”: devaluation of affections)

(“Amé y no fui amado, hoy sé lo que valgo”: devaluación de los afectos)

Thomas Victor Barreto Cardoso¹

RESUMO: Neste ensaio se busca realizar uma reflexão sobre o amor como uma moeda de troca. Assim como sua ligação com a experiência da prostituição de mulheres trans e travestis. Questionar quem é passível de ser amado ou apenas desejado e fetichizado, criando formas de experimentar afeto e prazer. Uma análise que entrelaça a identidade com a corporalidade dessas mulheres, junto ao campo do afeto e do desejo que é marcado pela fetichização e repulsa dos seus corpos. Ao debruçar sobre as obras como: Amara Moira (2018), Sophia Rivera (2020) e Leticia Nascimento (2020), que trazem suas vivências diante da prostituição e/ou da solidão enquanto mulheres trans ou travestis.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Valor; Trans; Afeto.

Abstract: In this paper I seek to reflect on love as a currency. As well as its connection with the experience of prostitution of trans and transvestite women. Questioning who is likely to be loved or just desired and fetishized, creating ways to experience affection and pleasure. An analysis that intertwines identity with the corporeality of these women, along with the field of affection and desire that is marked by the fetishization and repulsion of their bodies. Focusing on works such as: Amara Moira (2018), Sophia Rivera (2020) and Leticia Nascimento (2020), where they bring their experiences facing prostitution and/or loneliness as trans or transvestite women.

Keywords: Love; Value; Trans; Affection.

Resumen: En este ensayo busco reflexionar sobre el amor como moneda. Así como su vinculación con la experiencia de prostitución de mujeres trans y travestis. Cuestionar quién es probable que sea amado o simplemente deseado y fetichizado, creando formas de experimentar afecto y placer. Un análisis que entrelaza la identidad con la corporalidad de estas mujeres, junto con el campo de afecto y deseo que está marcado por la fetichización y repulsión de sus cuerpos. Centrándonos en obras como: Amara Moira (2018), Sophia Rivera (2020) y Leticia Nascimento (2020), donde traen sus experiencias frente a la prostitución y/o la soledad como mujeres trans o travestis.

Palabras clave: Amar; Valor; Trans; Afecto.

¹ Doutorando em Antropologia Social pela UNICAMP, mestre em Estudos da Condição Humana pela UFSCar (2022). Pesquisador da área de Gênero, Masculinidades e Estudos Trans. Morador do interior paulista, umbandista e juremeiro. Email: tomvicbarreto@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 01/02/2024

Aceito em 01/11/2024

Amor, amor
Amor, amor
Eu amei não fui amada
Hoje eu sei o meu valor

- Linn da Quebrada, canção “Amor amor”

Diante da leitura de algumas das obras feministas sobre o amor, compreende-se que a concepção do que seria amor e seu papel desse dentro das relações são múltiplas e móveis. Para algumas autoras o amor pode ser libertador, para outras uma forma de opressão, uma troca econômica, forma de governo, e até mesmo político. Assim, como pode se desdobrar em amor romântico, amor ideal, amor libertador, amor econômico e outros, que serão alvo de reflexões de muitas feministas, e outros pesquisadores do amor, a respeito do seu papel na emancipação e luta contra a opressão das mulheres.

Por exemplo, Mary Woollstonecraft (1792) no período de revolução acreditava no amor como ideologia, e que esse amor romântico gerava sofrimento por desencadear emoções e reações que fazem parte da subordinação da mulher. No entanto, acreditava no amor ideal como possibilidade de se emancipar emocionalmente, politicamente e economicamente, em que se tem uma parceria com seu companheiro. Já Emma Goldman (1911) acreditava na ideia de amor livre, condenando o casamento como um arranjo econômico e de impedimento para a emancipação feminina.

Para Shulamith Firestone (1973), o amor aparece como pivô da opressão feminina, por gerar um desequilíbrio de poder que ocorre em contexto de desigualdade. Em Christian Klesse (2011), o amor surge como fundação do erotismo e sexualidade, uma característica que define o desejo, discutindo suas implicações também dentro de relações poliamorosas. A autora Eva Illouz (1998) vai pensar sobre a relação entre as representações do amor nos meios de comunicação de massa e um modelo de amor que se considera mais realista e compatível com a vida cotidiana.

Posto isso, percebe-se que o amor tem sua mobilidade, e mesmo sua ausência produz políticas e dinâmicas. Essa mobilidade é coordenada, também, pelos marcadores da diferença, no qual cada uma dessas intersecções cria uma concepção, um significado, diferente sobre o amor. No entanto, não são apenas as produções do sujeito que vão operar, e sim um conjunto do social com o pessoal, como Elizabeth Povinelli (2006) diz, é um evento íntimo, uma junção do autológico com o genealógico.

Na antropologia feminista, o conceito de amor é percebido de uma maneira crítica e contextualizada, ponderando como as referências, práticas e significados do amor são moldadas por relações de poder, de gênero e de cultura. Contrastando com as visões essencialistas e universais



do amor, a antropologia feminista visa abordar o amor como um fenômeno socialmente construído e situado historicamente.

Escolheu-se uma dessas dimensões, o amor como uma troca econômica, para tecer algumas reflexões e provocações neste texto. Ainda, ciente que mesmo debruçando sobre relações de valorização de afetos, é possível encontrar traços de outras perspectivas do amor, que se interseccionarão dependendo do espaço, tempo, cultura e até mesmo do próprio indivíduo.

Isto é, mesmo que um sujeito esteja realizando uma troca de afetos que pode se configurar como uma transição econômica, o conceito de amor verdadeiro e libertador ainda pode existir para aquele sujeito. Propõe-se que se faça essa reflexão mais a frente e agora se pergunta: você sabe qual o seu valor? Quanto vale o seu afeto, seu amor? Quanto você está disposta(o) a pagar pelo amor/ afeto de alguém? Quais as formas que são usadas para fazer essa transição econômica/afetiva?

Essas perguntas ainda abrem grandes dimensões de discussão a respeito do tema, que podem traçar caminhos divergentes a depender do sujeito que se está analisando, pensar interseccionalmente aqui se faz importante para não serem criadas perspectivas universalizantes das experiências dos sujeitos frente ao amor. Dito isso, delimita-se a discussão para as mulheres trans e travestis na prostituição. Uma escolha realizada pelas recordações trazidas na leitura dos textos a obra da transfeminista Amara Moira, “E se eu fosse put/ra” (2018), em que ela conta suas experiências com a prostituição.

Dessa forma, busca-se neste ensaio realizar uma reflexão sobre o amor como uma moeda de troca, e como essa se liga com a experiência da prostituição de mulheres trans e travestis. Uma análise que entrelaça a identidade com a corporalidade dessas mulheres, junto ao campo do afeto e do desejo que é marcado pela fetichização e repulsa dos seus corpos.

Um amor faz sofrer, desamor faz chorar

Na leitura do capítulo IV - Prostitutas e Hetairas de Simone Beauvoir (1949), a autora cita Mandeville que diz ser necessário o sacrifício de algumas mulheres em benefício de outras, então pode ser questionado porque tais mulheres devem ser sacrificadas e qual o critério para essa seleção. Claro que a resposta a essa pergunta é bastante profunda e complexa, mas marcadores como idade, raça e identidade são percebidos com facilidade.

Assim, Beauvoir tece uma discussão sobre o amor, casamento e a prostituição, pensando no não reconhecimento da mulher como sujeito (principalmente das prostitutas) e suas consequências para a libertação da mulher, de forma social, política e econômica. O lugar da rejeição, solidão e



do fetiche, também são regulados pelo seu corpo. Ao discutir sobre esse diferenciamento entre a mulher “para casar” e “para se divertir”, Beauvoir (1949, p.324) diz:

A grande diferença existente entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina (Beauvoir, 1949, p.324).

Mesmo que a autora esteja se referindo às mulheres cisgêneras, e dentro de sua discussão não faça um recorte de classe ou raça, serve como um ponto de partida para a discussão sobre o reconhecimento da mulheridade e humanidade dessas mulheres. Mulheres estas que serão colocadas como mercadorias e objetos para satisfação masculina, e são, em sua maioria, de classes baixas, jovens e negras.

Assim, como Viviana Zelizer (2009) argumenta que a diferenciação entre as trocas sexuais econômicas afetivas realizadas pelas mulheres casadas e as prostitutas está na duração do contrato, como Beauvoir (1949, p.324) diz: “Para ambas, o ato sexual é um serviço; a segunda é contratada pela vida inteira por um só homem; a primeira tem vários clientes que lhe pagam tanto por vez.”. Embora essas autoras considerem essas trocas como semelhantes, percebe-se um esforço entre as mulheres para diferenciar seus lugares dentro dessas relações, na tentativa de se afastar do estigma da prostituta.

Ainda que também reconheçam as suas trocas afetivas sexuais realizadas dentro do relacionamento, o casamento, ou relacionamento mais duradouro, viabiliza um certo consentimento da troca, como algo lícito. Diferente do estigma da prostituição, como uma troca a ser feita às escondidas, sem nenhum valor sentimental, apenas uma transa(ção). Ainda hoje a imagem da prostituição é semelhante a encontrada nos escritos de Beauvoir, como uma posição de opressão passiva e precária, Beauvoir (1949, p. 334) diz:

A baixa prostituição é um ofício penoso em que a mulher oprimida sexual e economicamente, submetida à arbitrariedade da polícia, a uma humilhante fiscalização médica, aos caprichos dos fregueses, presa dos micróbios, da doença e da miséria, é realmente degradada ao nível de uma coisa (Beauvoir, 1949, p.334).

Um estigma criado para a valorização dos bons costumes e papel social da mulher e sua castidade, assim como a demonização da liberdade sexual das mulheres. Não se pode deixar de convidar a essa discussão Gayle Rubin (1993), antropóloga cultura e teórica pioneira nos estudos de sexo e gênero na antropologia, traçando em seus estudos uma análise interseccional e estrutural das relações de gênero, destacando como as mulheres são, historicamente, subjugadas em sistemas patriarcais.



Em seu famoso ensaio “Tráfico de mulheres: Notas sobre a ‘Economia Política’ do sexo”, publicado em 1975, Rubin explora a construção social das relações de gênero e a subordinação das mulheres. Em seu ensaio tece uma crítica ao patriarcado e a forma com que a sociedade Ocidental constrói e mantém as desigualdades de gênero. Propõe também o famoso conceito de “sistema de sexo/gênero”, em que denomina ser um conjunto de práticas e arranjos que organizam e regulam a sexualidade e relações de gênero (Rubin, 1993).

Para Rubin (1993), as mulheres são subjugadas em função da divisão sexual do trabalho e a estrutura de parentesco, que é responsável por distribuir os papéis sociais e políticos baseados no gênero. De forma ampla, em seu ensaio, Rubin (1993) discute a forma com que a sociedade utiliza as mulheres como “bens de troca” nas relações sociais. Analisando teorias antropológicas como a de Claude Lévi-Strauss, para discutir o papel do casamento e da exogamia como mecanismos de manutenção do patriarcado.

E, assim, ao longo da história o conceito e papel da mulher vai sendo construído em prol do capitalismo e do patriarcado, criando discursos de demarcação da mulher como: para casar, vagabunda, santa, do lar, entre outros. Demarcações essas que são violentas e conservam possibilidades, espaços e funções para cada uma dessas, incluindo seu valor social e econômico.

No título faço referência a um trecho da música “Amor, amor”, da cantora Linn da Quebrada, que faz alusão a um ponto de pombagira. As pombagiras, na Umbanda e no Candomblé, são espíritos de mulheres que em vida eram prostitutas, cafetinas, feiticeiras, vítimas de abuso e exploração. Hoje são demonizadas não só por um racismo religioso presente no país, mas também por representarem essas mulheres consideradas impuras e incontroláveis, que buscaram por amor e afeto na prostituição e nos Cabarés, utilizando de seus corpos e sensualidade para sobreviver.

Ainda que a prostituição seja socialmente vinculada ao fracasso e abandono, não é uma realidade universal. Muitas encontram na prostituição uma oportunidade de sobrevivência, de afetividade (entre si e com os clientes), uma possibilidade de existir, de lucro, como se vê na fala de Indianare Siqueira, no prefácio do livro “E se eu fosse put/ra”: “Na prostituição, a vantagem é que se eu não chegar a gozar, a ter esse prazer, ao menos eu vou ter o prazer do dinheiro, que vai me dar outros prazeres.” Ou pode-se, ainda, encontrar nas falas de Amara Moira (2019, p. 115) sobre a prostituição:

Prostituição: espaço que se abre quando todos os demais (família, escola, mercado formal de trabalho) se fecham para nós, mulheres trans e travestis, mas também espaço onde nunca foi necessária a aprovação de legislação para garantir que as não poucas pessoas que o frequentam se sintam no dever de respeitar o nosso nome e gênero [...]Eis então o lugar onde encontramos liberdade para forjarmos quem somos e onde nossa presença não é sujeira estatística (como é importante estar junto a suas iguais, junto a pessoas que conhecem de perto os conflitos que você vive), lugar onde podemos construir outro tipo de relação com nossos corpos e existências (Moira, 2019, p.115).



Portanto, é importante reconhecer esse espaço para além dos estigmas criados dentro de moldes sexistas, racistas e transfóbicos, como um lugar de possibilidades. Não estou romantizando, no entanto, a prostituição, pois ainda é um lugar carregado de precariedades, inclusive, em ser reconhecido pelo Estado como uma forma de trabalho remunerado. No Brasil, ainda se estima que 95% de mulheres trans e travestis estão na prostituição, e apenas 5% se encontram no mercado de trabalho “formal”, ainda que como autônomas (Antra, 2021). Não se está aqui para julgar os benefícios e malefícios da prostituição, e sim analisar esse espaço como produtor de afetos e de troca econômica. Ainda que esses afetos e trocas se embaracem com o desejo e o fetiche, como se verá adiante, algo latente nessas relações.

Em campo se ouve muito o quanto mulheres trans e travestis são alvos de assédios e objetos de desejo, especialmente vindo de homens cisgêneros que se entendem como heterossexuais. Entretanto, são esses mesmos sujeitos que mais se posicionam contra sua existência e negam sua identidade em espaços fora do “sigilo”, o que torna essa dinâmica contraditória e violenta. A ex-presidente da Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS), Thara Wells, travesti ativista, uma querida amiga, sempre compartilha suas experiências de quando era uma trabalhadora do sexo, e diz (sic): “O mesmo homem que te mata de dia é o que te procura a noite”, ou como relata Moira (2019, p. 117):

Homens cis, então, esses clientes, homens casados e solteiros, negros e brancos, ricos e pobres, dentro e fora dos padrões de beleza, homens dos mais variados tipos, tendo em comum apenas, quem sabe, a expectativa de poderem desfrutar dos nossos corpos e serviços de maneira sigilosa. Envergonhadíssimos do desejo que nutrem por nós, mas, ainda assim, incapazes de softrear ou mesmo de se livrar desse desejo que os acompanha, atormenta, não lhes resta outro remédio que nos buscar na calada da noite, nas brechas do trabalho, antes de voltarem às suas vidas públicas, oficiais (Moira, 2019, p.117).

Isto é, embora se tenha um alto número de acessos a pornografia transsexual e de procura por programas com travestis e mulheres trans, o Brasil segue em primeiro lugar no ranking de assassinatos de pessoas trans e travestis, há mais de uma década (Antra, 2024).

A transfeminista Sophia Rivera discute sobre a solidão de mulheres trans e travestis não ser apenas ligada à afetividade, sua colocação corrobora com as de Moira (2018), e que são ilustradas na série *Pose*², na qual as personagens *Elektra* (Dominique Jackson) e *Angel* (Indya Moore), mulheres trans, têm relacionamentos baseados na fetichização de seus corpos. No decorrer da série fica evidente a influência do desejo na construção daquelas relações, nas quais o fetiche pelo proibido ou “exótico” (como são colocados muitas vezes) é o que constrói a relação, e quando isso se perde a relação também se finda.

2 Série americana criada por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals, emitida pela FX.



Essa fetichização coloca essas pessoas no lugar desumanizado, como objetos de satisfação sexual, sem qualquer perspectiva de terem um relacionamento afetivo-sexual que seja público. Grande parte das pessoas cisgêneras, principalmente homens, possuem receio de assumir relacionamentos afetivos e sexuais com pessoas trans e se tornarem também alvos de violência da sociedade transfóbica, sendo assim motivos de piada e invalidação da sua feminilidade/masculinidade. Rivera (2020, s.p) diz:

Solidão também é sobre não ser vista enquanto afeto, é ser apenas corpo, e não um elo de corpo e mente. A solidão posta para nós nos objetifica, hipersexualiza, e serve de fetiche para os outros. E não entendam fetiche apenas como sendo algo no âmbito sexual, fetiche está para além do desejo sexual, é sobre sermos entretenimento, alvo de pena e “compreensão”, um templo para os desabafos daqueles que vivem abafados, mas nunca uma possibilidade (Rivera, 2020, s.p).

Outras mulheres trans e travestis relatam situações parecidas, como Letícia Nascimento (2020) e Céu Cavalcanti (2017), sobre a solidão afetiva, e a hipersexualização e fetichização de seus corpos. Situação que propicia pensar como se articulam as políticas de afeto e de solidão diante dessas pessoas que têm um grande envolvimento dos seus corpos nesse processo. Isso significa que essas políticas de afeto se entrelaçam em estruturas como a transfobia e a vulnerabilidade desses sujeitos, em que a depender de como são reconhecidos pelo outro, terão ou não a possibilidade de afeto.

Por conta do estigma, nos sujeitamos, jogamos as regras do jogo, fazemos romance pra ganhar um extra, até dormimos de conchinha pagando bem, mas sempre o gosto amargo no final da noite, porque, no meio dessa leva de corpos que conhecemos dia após dia, a expectativa ainda é a de encontrar o príncipe encantado que nos aceite, nos assumo e, se possível, nos ame (Moira, 2018, p.177).

Neste momento, retoma-se uma colocação inicial sobre a intersecção das concepções e práticas do amor, em que mesmo que tenha uma característica econômica, como sujeito ainda possui um ideal de amor romântico. No entanto, o que está em jogo nessas relações não é somente um valor financeiro ou uma troca de afetos, é também um reconhecimento da sua feminilidade, como desabafa Moira (2018, p. 23), em uma parte do livro:

E dessa vez não tive nojo ou mal-estar depois, não me incomodou a boca máscula, a saliva quente, a barba me arranhando o rosto... uma vez travesti, estar com homens era tão mais simples, tudo fazendo eu me sentir mais eu, mais mulher (Moira, 2018, p.23).

Ser alvo de desejo ou afeto de um homem mobiliza um sentimento de reconhecimento da sua feminilidade, mesmo que seja breve. Não apagando é claro a fetichização sobre seu corpo, que como conta em muitas partes da narrativa, só poderia ser desejado e ser o motivo do prazer do outro, se fosse nas sombras, longe dos olhos da sociedade. O fetiche ainda que tenha uma relação



forte ao desejo, não necessariamente se encontra no campo do afeto e do amor, por isso mesmo que, por vezes, se sintam desejadas ainda reconhecem sua solidão, como relata Leticia Nascimento (2020, p. 10):

A solidão será tratada em duas dimensões: a afetiva e a afetiva-sexual, pois ambas são importantes. A partir da transfeminista pernambucana Sophia Rivera (2020a), consigo entender que, para as minhas experiências como travesti negra e gorda, solidão é: não ser procurada, não ser companhia; sentir-se sozinha mesmo em meio às pessoas que lhe “admira”; percebe-se várias vezes como a única pessoa transgênera em meio a várias pessoas cisgêneras; não ser digna de afeto em espaços públicos; ser objetificada e hipersexualizada apenas como um fetiche. Portanto, há um entrelaçamento entre ser sozinha e estar solteira, uma vez que são as estruturas cis/hetero/branco/magro/normativas que fazem com que minha corporalidade travesti, negra e gorda não seja digna de trocas afetivas. (Nascimento, 2020, p.10).

Essa corporalidade trans aparece sempre colocada no lugar do “não ser”, portanto essa pessoa não é digna de ter afeto, não é passível de ser reconhecida como humana, como pessoa e cidadã e se torna limitada por sua corporalidade, que não só controlam os acessos físicos aos espaços (universidade, hospitais, eventos etc.), como também controlam o campo emocional e as relações afetivas estabelecidas. Essas experiências são delineadas pelas suas diferenças, como pontua Nascimento se dizendo “travesti, negra e gorda”, as diferenças de classe, idade, sexualidade, raça, nacionalidade, e tantas outras participam dessa política de afetos e desejos.

Essa política de afetos e desejos, assim como a política de morte e exclusão, vão contemplar, de forma desigual, essas mulheres. Algumas estarão mais vulneráveis às precariedades, tentando sobreviver ao evento íntimo do afeto, como propõe Povinelli os discursos do sujeito autológico e da sociedade genealógica criam atitudes de interesse e desinteresse, ansiedade e pavor, culpa e inocência sobre certas vidas e corpos, no processo, formam e deformam vidas. Vidas essas que são desvalorizadas pelo Estado, pela sociedade cisheteronormativa, que lucra com sua fetichização, mas não está disposto a contemplá-las em suas políticas de afeto, compaixão ou luto.

Dentro da prostituição, a idade é um fator importante, muitas se encontram na prostituição na média de 13 anos, por serem expulsas de casa em função de sua identidade de gênero e buscam sua subsistência nas ruas para pagar sua alimentação, moradia e procedimentos estéticos e hormonais. Assim como a raça também é um marcador bastante presente, decorrente da hipersexualização da mulher negra, e do estereótipo de que “homens” negros possuem pênis maiores, trazendo uma fetichização maior para travestis e mulheres trans por parte dos clientes.

Não à toa também são essas mulheres mais velhas, negras, gordas, com deficiência, sofrem ainda mais intensamente as precariedades presentes na prostituição, no abandono, na ausência de afetividade e compaixão. Desse modo, quando se retomam as perguntas iniciais se torna evidente que os valores serão diferenciados, alguns corpos são mais valorizados economicamente, outros



afetivamente, ou terão que se sacrificar duplamente para ter o mínimo.

Para finalizar essa provocação, olhando para os valores econômicos e afetivos das mulheres trans e travestis, percebe-se que os indícios de como são atravessados e moldados por suas experiências de aceitação e rejeição, e seus marcadores sociais. Assim como a prostituição, apesar de ser um lugar de precariedades também produz afetos e redes de apoio entre elas, tal qual cria possibilidades de trocas de amor, de dinheiro e de prazer, que em outros espaços não lhes é permitido. Nesse espaço, o amor se faz também político, gerenciando e negociando diversas relações entre os sujeitos.

Essas mulheres criam relações de parentescos atreladas com a afetividade e a solidão que se encontram, formando redes de apoio e constituindo famílias, parentescos, que fogem a consanguinidade. Utilizando do dinheiro como um instrumento de troca nas relações e não como algo que corrompe a intimidade, ao contrário, produz e possibilita a intimidade, que só pode existir em espaços privados.

Referências

- BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo* [1949]. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira. 2009.
- BENEVIDES, B. G. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. 125p.
- FIRESTONE, S.: *La dialéctica del sexo* – epubLibre, 1973 Cap 6, Amor e Cap 7 La Cultura del Romance amoroso.
- GOLDMAN, E. *Casamento e amor*. New York-London: Mother Earth Publishing Association, 1911. Texto em domínio público. Disponível em: <https://www.anarquista.net/emma-goldman-casamento-e-amor/> Acesso em mar. 2025.
- GOODE, W. A importância teórica do amor - *American Sociological Review*, Feb., 1959, Vol. 24, No. 1 (Feb., 1959), pp. 38-47. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/THE-THEORETICAL-IMPORTANCE-OF-LOVE-Goode/0fa4ab1d25c75aea20ea07b15e7c5370e44e95f9> Acesso em mar. 2025.
- ILLOUZ, E. The lost Innocence of Love: Romance as a Postmodern Condition. *Theory Culture Society*, 1998; 15; 161. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ILLTLI> acesso em mar 2025.
- KLESSE, Christian: Notions of love in polyamory – elements in a discourse on multiple loving. *Laboratorium*, 2011, vol 3, n. 2: 4-25.



MOIRA, A. A prostituição como trincheira trans. *Contraste* 6, ago-2019, p.114-119. Disponível em https://issuu.com/revcontraste/docs/contraste6_digital_r001 Acesso em 05 mar 2025.

MOIRA, A. *E se eu fosse pura*. Edição revista e atualizada. São Paulo: Hoo Editora, 2018. 192p.

NASCIMENTO, L. C. P. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. *Revista Inter-Legere, [S. l.]*, v. 3, n. 28, p. c21581, 2020. DOI: 10.21680/1982-1662.2020v3n28ID21581. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581>. Acesso em: 28 dez. 2021.

PISCITELLI, Adriana: Re-criando a categoria mulher? *In: Algranti, L (org) A prática feminista e o conceito de gênero, Texto Didáticos*, n 48, IFCH, Unicamp, 2002. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/td-48.pdf> Acesso em 05 mar. 2025.

POVINELLI, E. *The Empire of Love*, Durham, Duke University Press, 2006.

RIVERA, S. A Solidão de mulheres trans e travestis não é apenas sobre afetividade. *Medium*, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@sophiariveracs/a-solid%C3%A3o-de-mulheres-trans-et-travestis-n%C3%A3o-%C3%A9-afetividade-b81e50d1b02d>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RUBIN, Gayle. *Tráfico de mulheres: notas para a economia política do sexo*. Tradução de Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sônia Correa. Recife: SOS Corpo, 1993. Originalmente publicado por REITER, Rayna R. (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1919>. Acesso em: 05 mar. 2025.

TABET, P. Through the looking-glass: sexual- economic Exchange. *In: Françoise Grange Omokaro et Fenneke Reysoo. Chic, cheque, choc. Transactions aoutour des corps et stratégies amoureuses contemporaines. Actes des colloques genre de Institute des hautes études internationales et du d'veloppement*, 2012, p. 39-51. [https:// doi.org/10.4000/books.iheid.6338](https://doi.org/10.4000/books.iheid.6338).

WOOLLSTONECRAFT, M. Reivindicación de los derechos de la mujer. 1792. Disponível em: https://www.solidaridadobrero.org/ateneo_nacho/libros/Mary%20Wollstonecraft%20-%20Vindicacion%20de%20los%20derechos%20de%20la%20mujer.pdf acesso em mar. 2025.

ZELIZER, V. Dinheiro, poder e sexo. Campinas, *Cad. Pagu*, n.32, 2009. DOI: 10.1590/S0104-83332009000100005 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vxhJpXpdCxhYZYKGn8yRnLS/abstract/?lang=pt> Acesso em 04 mar de 2025.

